

Práticas informacionais no Instagram que desvelam violências contra as mulheres

Nicole Tirello Acquolini¹; Rodrigo Silva Caxias de Sousa²;

RESUMO

Estudo exploratório-descritivo de natureza básica e abordagem qualitativa. Teve como objetivo compreender a partir da Análise de Conteúdo práticas informacionais no perfil feminista Planeta Ella no Instagram conteúdos que abordassem questões relacionadas à violência contra as mulheres. Perfazendo um total de 60 postagens coletadas no período de janeiro a março de 2023, conclui-se que o perfil demonstrou engajamento ao combate à violência contra a mulher através de práticas informacionais que abordam conteúdos educativos e informativos, possibilitando a conscientização sobre as diversas formas de violência e seus impactos na sociedade. Além disso, o perfil oferece um ambiente seguro para compartilhar relatos pessoais e vivências, incentivando outras mulheres a se expressarem e buscarem apoio.

Palavras-chave: Práticas informacionais; Violência contra a mulher; Instagram; Análise de Conteúdo.

1 INTRODUÇÃO

No campo da Ciência da Informação (CI) no Brasil, tem sido observado um crescimento significativo de estudos relacionados a grupos que historicamente enfrentam diversas formas de violência. Recentemente, destaca-se a criação de um Grupo de Trabalho (GT) na Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação - ANCIB, focado em Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades. A mencionada criação indica um marco de expansão metodológica e teórica na área, se tornando inclusive uma referência para pesquisas futuras no campo.

Diante dessa realidade, além de ser uma questão contemporânea na área da CI, também é uma pauta urgente em nível nacional. Isso é evidenciado pelo fato de que, até 2021, o país ocupava a 93ª posição no *ranking* de igualdade de gênero, de acordo com o WORLD ECONOMIC FORUM (2021). Ademais, em relação aos dados

¹ Mestranda PPGCIN/UFRGS; nacquolini@gmail.com

² Professor PPGCIN/UFRGS; rodrigo.caxias@ufrgs.br

de feminicídio (homicídio de mulheres devido a sua condição de gênero),³ conforme divulgado pelo FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (2022), o Brasil registrou uma taxa de 1,4 mil mulheres assassinadas. Essa taxa está entre as mais altas do mundo⁴, sendo importante lembrar que nos últimos quatro anos, durante a gestão do ex-presidente, houve um retrocesso nos investimentos em políticas públicas destinadas ao combate à violência contra as mulheres, o que prejudicou significativamente essa agenda.

Considerando esse contexto que fundamenta e justifica a pesquisa, o presente estudo tem como objetivo analisar as práticas informacionais na *web social* com o recorte do Instagram no perfil selecionado Planeta Ella, compreendendo como esse perfil aborda questões relacionadas à violência contra as mulheres e/ou expõe casos de violência contra as mulheres. O Instagram foi escolhido devido à sua ampla popularidade, em que milhões de pessoas compartilham, produzem e consomem conteúdo diariamente. Segundo o Relatório *We Are Social* (KEMP, 2023a, 2023b) o Instagram é a terceira rede social mais usada no Brasil e a quarta no mundo, na qual são efetivadas distintas práticas informacionais.

Em síntese, as práticas informacionais são processos e ações que envolvem informações construídas socialmente e dialogicamente dentro de uma comunidade específica, ao mesmo tempo em que moldam e transformam a cultura que influencia a realidade dos indivíduos. Esses estudos têm avançado na compreensão de que a informação não é apenas um processo experimentado exclusivamente na perspectiva cognitiva do uso da informação, mas também como uma concepção informacional que engloba processos de imaginação, apropriação e questionamentos que surgem a partir da construção social.

2 PRÁTICAS INFORMACIONAIS

Durante a década de 1990, emergiram estudos com uma abordagem distinta das pesquisas realizadas até então, concentrando-se nas investigações das ações informacionais, “[...] o estudo do movimento por meio do qual os indivíduos agem no

³ "Prevê o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio. [...] Inciso VI - contra a mulher por razões da condição de sexo feminino." (BRASIL, 2015).

⁴ AGÊNCIA BRASIL. **ONU: mais de 81 mil mulheres foram assassinadas em 2021, diz relatório.** 2022. Disponível em: <https://shre.ink/QUT2>. Acesso em: 02 fev. 2023.

mundo, conformados pela cultura, e ao mesmo tempo constituem essa cultura que os influencia e a realidade em que atuam.” (ARAÚJO, 2017, p. 21). Por sua vez, de acordo com os estudos realizados por Pinto e Araújo (2019, p. 28) as práticas informacionais podem ser consideradas como “necessidades, ações de busca, uso, produção e disseminação de informações num tempo e espaço determinados não somente pelas ideias dos sujeitos, mas pela historicidade, a posição de classe e os conflitos existentes.”

Essas pesquisas avançaram na compreensão de que a informação não deve ser vista apenas como um processo individual e cognitivo, mas sim como um fenômeno que abrange também a imaginação, apropriação e questionamentos fundamentados na configuração social (ARAÚJO, 2017). Talja (2005, p. 123) ressalta que “a principal característica fundamental dessa abordagem é que ela representa uma linha de pesquisa mais sociológica e contextualmente orientada.” Nesse sentido, as práticas informacionais buscam também explorar “[...] interações do sujeito com o contexto numa perspectiva dialógica, em que tanto o contexto interfere nas práticas do sujeito quanto este altera o próprio contexto em que se insere.” (DUARTE, 2017, p. 70). Em termos gerais, com base nessas premissas, verifica-se que as práticas informacionais são distintas e estabelecidas social e historicamente por meio das interações informacionais entre as pessoas (e suas particularidades) e a dinâmica das classes sociais, que além de serem conflituosas, estão em constante evolução.

3 VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

Observa-se que a violência contra as mulheres se manifesta de maneira perversa nas relações de poder baseadas no gênero. De acordo com a Política Nacional de Enfrentamento à Violência Contra as Mulheres (BRASIL, 2011), essa forma de violência permeia todas as esferas da vida das mulheres. Segundo Campos e Almeida (2017, p. 353), apresenta a característica única da categoria social de gênero e assume variadas manifestações, englobando todas as ações ou comportamentos que resultem não apenas em danos físicos, mas também em danos psicológicos, morais, patrimoniais, sexuais e até mesmo em consequências de crimes intencionais. Esses atos configuram violações de direitos e infringem a dignidade da mulher.

Essas transgressões estão presentes no dia a dia de diversas mulheres, independentemente de sua raça, orientação sexual, origem, idade, classe social, nível de educação e estado civil. Considerando que a violência assume diversas formas, certos elementos surgem como tentativas de explicar a dificuldade de reconhecer seus diferentes tipos além da violência física (CAMPOS; ALMEIDA, 2017). Isso ocorre devido à influência da construção social que promove valores e comportamentos patriarcais, normalizando as violências de gênero. Essa dinâmica persistente é caracterizada pela banalização, invisibilidade e aceitação cultural dessas violências (SCHRAIBER *et al.*, 2009).

Ao utilizar o termo "violência de gênero", reconhece-se que os atos violentos ocorrem em contextos e espaços relacionais, ou seja, interpessoais, os quais estão inseridos em distintos cenários. Esse tipo de violência tem como foco principal as mulheres, tanto no âmbito privado e familiar quanto nos espaços públicos e de trabalho. É importante enfatizar que isso não implica em adotar uma perspectiva vitimizadora em relação às mulheres, mas sim destacar que a expressiva "concentração deste tipo de violência ocorre historicamente sobre os corpos femininos e que as relações violentas existem porque as relações assimétricas de poder permeiam a vida rotineira das pessoas." (BANDEIRA, 2014, p. 451).

O reconhecimento da gravidade e legitimidade desse problema se fortaleceu graças à militância e aos estudos feministas, juntamente com os movimentos sociais, bem como às denúncias e relatos corajosos das mulheres que foram vítimas dessa forma de violência. De acordo com o relatório "Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil" de 2023, elaborado pelo Instituto de Pesquisa Datafolha e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, estamos enfrentando uma verdadeira epidemia de violência. Ao longo de suas vidas, 33,4% (21,5 milhões) das mulheres brasileiras com 16 anos ou mais sofreram violência física e/ou sexual, superando a média global de 27% das mulheres.

Alguns dados adicionais do relatório referentes ao último ano de 2022: 28,9% (18,6 milhões) de mulheres (65,6% negras, 29,0% brancas, 2,3% amarelas, 3,0% indígenas e 57,4% tinham filhos) sofreram algum tipo de violência ou agressão⁵, sendo 23,1% (14,9 milhões) ofensas verbais, 13,5% (8,7 milhões) perseguição, 11,6% (7,6

⁵ 50.962 mulheres sofreram violência diariamente em 2022.

milhões) chutes e socos, 5,4% (3,5 milhões) espancamento ou tentativa de estrangulamento, 5,1% (3,3 milhões) ameaça com arma de fogo ou faca. (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2023).

4 METODOLOGIA

Estudo indutivo, de natureza básica, objetivo exploratório-descritivo e abordagem qualitativa. Se constituiu na parte exploratória de uma dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Referente às técnicas empregadas, inicialmente foi utilizada a Observação Assistemática (SILVA, 2013) para a seleção do perfil a ser analisado, seguida posteriormente pela Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011).

No primeiro momento, foi conduzido um processo exploratório preliminar em Abril de 2022, em que foram analisados 4 perfis do Instagram (Planeta Ella⁶, Think Olga⁷, Clara Fagundes ⁸e Arquivos Feministas⁹) que se dedicam à produção e compartilhamento de informações relacionadas ao feminismo. Os critérios para escolha dos perfis nessa etapa foram: a) número de seguidores - acima de 90 mil; b) regularidade de postagens (perfil ativo com pelo menos uma postagem semanal); c) temática geral - feminismo.

Devido à relevância e ao considerável volume de práticas informacionais no perfil Planeta Ella, que se destaca por não apresentar conteúdos com anúncios e parcerias pagas e por oferecer mais de uma postagem diária, ao contrário dos demais perfis que tiveram uma quantidade menor de postagens conforme o esperado, decidiu-se que este seria o perfil selecionado para análise na pesquisa.

O perfil Planeta Ella foi criado no Instagram em maio de 2014, após um encontro de mulheres em Belo Horizonte. O propósito do perfil é proporcionar um espaço para compartilhar experiências, debater desafios e construir uma agenda em comum, formando uma rede latino-americana de mulheres. Até o momento (2023), o

⁶ <https://www.instagram.com/planetaella/>

⁷ <https://www.instagram.com/think.olga/>

⁸ <https://www.instagram.com/clarafagundes/>

⁹ <https://www.instagram.com/arquivosfeministas/>

perfil conta com 8.013 publicações e possui 414 mil seguidores. A conta está registrada no Brasil e sua estrutura é semelhante à de uma organização não governamental.

5 RESULTADOS PARCIAIS

Após a realização da Observação Assistemática (SILVA, 2013) que proporcionou uma familiarização com o conteúdo a ser investigado e ajudou a determinar o objeto de exploração dentro do perfil, decidiu-se concentrar a análise exclusivamente nas postagens do *feed*. Essa escolha se deu pelo fato de que os *stories* desaparecem automaticamente após 24 horas e o perfil recebe um grande volume de comentários, o que tornaria inviável abranger todas as interações presentes.

O *corpus* de dados foi coletado manualmente, utilizando a versão *desktop* do Instagram. Cada *post* foi verificado individualmente, de maneira assíncrona, sendo feita uma captura de tela, juntamente com anotações que foram reunidas em uma planilha do Google Drive. Os critérios nessa etapa de coleta para escolher as postagens do perfil Planeta Ella foram: a) conteúdo relevante: que abordam diretamente questões relacionadas às violências sofridas por mulheres; b) representatividade: que abordassem diferentes marcadores sociais entre as mulheres; d) período de tempo: semestral (de Janeiro de 2023 a Julho de 2022) seguindo uma ordem cronológica inversa, já que as postagens estão distribuídas desta maneira no *feed*. As postagens foram coletadas no período de Janeiro a Março de 2023 e o *corpus* de dados perfaz um total de **60 posts**.

De acordo com a AC, foi possível realizar uma classificação temática dos dados. A Violência contra a mulher se manifesta nos *posts* a partir dos seguintes assuntos: gordofobia, violência moral/abuso moral/assédio moral, violência jurídica, estupro/abuso sexual/assédio sexual, etarismo, violência contra as mulheres na política, violência obstétrica, violência racial, violência doméstica, violência emocional, violência psicológica, feminicídio, violência legitimada pelo estado/violência institucional/desmonte de políticas públicas para mulheres vítimas de violência no governo do ex-presidente/institucionalização do machismo, violência em ambiente de trabalho, violência física, políticas públicas de enfrentamento à violência contra a

mulher/luta contra a violência de gênero, opressão contra as mulheres e mulheres indígenas marginalizadas.

Os conteúdos dos *posts* no *feed* são diversos, porém todos alusivos a questões da mulher, feminismo, empoderamento feminino, diversidade e representatividade da mulher. Referente a violência contra as mulheres, englobam por exemplo os seguintes atributos e características: vídeo filmando assédio, publicações informativas que trazem informações sobre diferentes formas de violência contra as mulheres; relatos pessoais (por meio de texto, imagem ou vídeo); denúncias; campanhas e *hashtags* que promovem a conscientização sobre a violência contra as mulheres; arte, fotografias e ilustrações que expressam visões sobre a violência contra as mulheres; recursos e orientações como números de telefone de emergência, serviços de apoio e orientações jurídicas; entre outros. Apresenta-se na **Figura 1** um *post* exemplar que explora a temática da violência contra a mulher.

Figura 1 - *Post* que aborda a temática da violência contra a mulher.



Fonte: Captura da tela do perfil Planeta Ella no Instagram (2023)

Nesta publicação, o perfil apresenta um conteúdo autoral que consiste em uma série de *cards* em formato de carrossel, que juntamente com o texto da legenda, oferecem uma visão abrangente das conquistas dos direitos das mulheres e das políticas públicas voltadas para o enfrentamento da violência contra a mulher. Além disso, destaca-se a relevância da data em questão: "25 de Novembro - Dia Internacional de Luta contra a Violência à Mulher".

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no objeto de estudo, referencial teórico, assim como da análise efetivada, é possível concluir que o perfil feminista no Instagram Planeta Ella desempenha um papel essencial no combate à violência contra as mulheres. Por meio dele, efetivam-se práticas informacionais que abordam conteúdos educativos e informativos que aumentam a conscientização sobre as diversas formas de violência e seus impactos. Também fornece um espaço seguro para compartilhar relatos pessoais e experiências, encorajando outras mulheres a se manifestarem e a buscarem apoio.

Adicionalmente, esse perfil promove a sororidade entre mulheres, incentivando ações coletivas para combater a violência de gênero. Através da amplificação de vozes, o feminismo *online* contribui para desafiar as estruturas patriarcais e inspirar mudanças sociais mais amplas. Em virtude de tais constatações, sugerem-se pesquisas que possam contribuir com a temática na CI referentes ao letramento de gênero.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, C. A. A. O que são “práticas informacionais”? **Informação em pauta**, Fortaleza, v. 2, n. esp., p. 217-236, out. 2017.

BANDEIRA, L. M. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 29, n.2, p. 449-469, 2014.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres. **Política nacional de enfrentamento à violência contra as mulheres**. Brasília: SPM, 2011.

BRASIL. **Lei nº 13.104**, de 9 de março de 2015. Brasília. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13104.htm. Acesso em: 01 fev. 2023.

CAMPOS, M. de L.; ALMEIDA, G. H. M. D. Violência contra a mulher: uma relação entre dimensões subjetivas e a produção de informação. **Rdbci: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 15, n. 2, 2017.

DUARTE, A. B. S. Práticas informacionais: ensino e pesquisa. **Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação**, n. XVIII ENANCIB, 2017.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**, 2022.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil**. 4. ed. [s. l.]: Datafolha, 2023.

KEMP, S. Digital 2023: Brasil. In: **We are social**. 2023a. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2023-brazil>. Acesso em: 5 maio 2023.

KEMP, S. **We are social**. 2023b. Disponível em: <https://wearesocial.com/uk/blog/2023/01/digital-2023/>. Acesso em: 5 maio 2023.

PINTO, F. V. M.; ARAÚJO, C. A. A. Estudos de usuários: quais as diferenças entre os conceitos comportamento informacional e práticas informacionais? **Ciência da Informação em Revista**, Maceió, v. 6, n. 3, p. 15-33, 2019.

SCHRAIBER, L. B. et al. Violência de gênero no campo da Saúde Coletiva: conquistas e desafios. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n.4, p. 1019-1027, 2009.

SILVA, M. A. da. A técnica da observação nas ciências humanas. **Educativa – Revista de Educação**. Goiânia, v. 16, n. 2, p. 413-423, jul./dez. 2013.

TALJA, S. The domain analytic approach to the study of scholars' information practices. In: FISHER, K.; ERDELEZ, S.; MCKECHNIE, L. (ed.). **Theories of Information Behavior**. Medford: Information Today, 2005. p. 123-127.

WORLD ECONOMIC FORUM. **Global Gender Gap Report 2021**: insight report. Cologne: World Economic Forum, 2021.